

Entrevista



JEAN-PIERRE VERNANT E O DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS SOCIAIS: O HOMEM GREGO E SEU ESPÍRITO LIVRE

Renata Cardoso Beledoni¹

Quando pensamos nos estudos que foram realizados sobre a Grécia antiga, logo vem à mente o nome de Jean-Pierre Vernant. Atualmente, é considerado o melhor helenista francês deste século e é, igualmente, polemizado por dialogar com a Psicologia Histórica, com a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Literatura e a História, em busca da compreensão do universo mental do homem grego. Suas questões, proposições e reflexões tornaram-se objetos de pesquisa de minha dissertação de mestrado, na qual proponho realizar uma análise historiográfica de suas obras. Nesse sentido, estabelecer contato com Vernant era um desejo que se fazia cada vez mais forte. Foi, então, que a entrevista foi proposta e aceita. Ela ocorreu no Collège de France, em 04 de junho de 1999. Por mais de uma hora, o autor respondeu às questões de caráter teórico e metodológico, como pode ser observado na entrevista transcrita abaixo.

¹ Mestranda em História (IFCH - UNICAMP), sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Bolsista da FAPESP.

Renata Beledoni: Por tudo o que já li de sua obra, penso que o senhor é um grande admirador do homem grego antigo. Mas por que o homem grego, e não o homem romano ou egípcio?²

Jean-Pierre Vernant: Não sou um grande admirador do homem grego; tentei ver, nos documentos, nos fatos econômicos, nas relações sociais, nas instituições políticas, nas obras literárias, nas obras científicas, nos fatos religiosos, todos testemunhos sobre quem foi o homem desses tempos antigos. Eu me expliquei a esse respeito num livro que você pode ter lido, cujo prefácio eu fiz e que se chama *L'homme grec* (“O homem grego”). Ele apareceu, primeiramente, em italiano, mas existe em francês. Nele, explico por que não há homem grego em geral, que é preciso levar em conta o tempo e os lugares; porém, o cidadão da época clássica de Atenas tem um certo número de traços que me permitem distinguir o homem grego, por exemplo, do homem egípcio ou indiano, e é isso que me interessa. Eu o admiro? Pode ser que admire, mas isso não intervém no problema. É verdade que eu tenho uma simpatia pelo homem grego. Por quê? Porque ele tem um espírito que creio livre, é algo que não é o *homo religiosus*, não é um espírito dogmático; ele é aberto, sobretudo é curioso, ele tem um certo sentido, como aquele aristocrático e estético; isso me parece, mas pouco importa. Mesmo que não parecesse, o que tento dizer seria verdadeiro ou falso, eu não sei nada.

Renata Beledoni: A utilização do estruturalismo é visível em suas obras como a *Antropologia e a psicologia histórica*. Mas por que a escolha pelo estruturalismo?

Jean-Pierre Vernant: Por que a escolha? Porque, primeiramente, há um problema de época. O estruturalismo estava em plena voga, mas isso não foi por acaso. As ciências humanas, quando começam a se querer científicas, passam

² Publicação da entrevista autorizada por Jean-Pierre Vernant, tradução de Renata Cardoso Beledoni.

obrigatoriamente por uma fase estruturalista. Compreender alguma coisa que não seria estrutura, isto é, uma organização sistemática inteligível, seria o caos, porque as coisas puramente singulares estariam dispersas. Os primeiros que trouxeram à luz o caráter estruturado dos fenômenos humanos foram os linguistas. Eles mostraram que, sobre o plano fonético, como o da gramática e do vocabulário, teriam acesso a fatos que possuísem uma estrutura. Bem entendido, as outras ciências humanas seguiram o movimento, e a análise dos mitos mostrou-nos que, por detrás das histórias que parecem desordenadas, confusas e absurdas, narradas no mito, quando analisadas para resgatar sua organização compreendem, no curso da narração, uma ordem, um sistema, o que Dumézil, que começou o trabalho, chamaria uma forma de ideologia de pensamento. Mas há vários tipos de estruturalismo: um estruturalismo que aceita um espírito humano, universal, eterno, imutável e que a ordem deste espírito acha-se, mais ou menos, modificada em todos os fenômenos; podemos pensar, ao contrário, que não há uma ordem imutável, preestabelecida, anterior aos diferentes tipos de experiência que o homem leva nas vias diversas conforme trata-se de pintura ou de filosofia ou de medicina ou de astronomia ou não importa qual outra. O espírito humano organiza-se ao mesmo tempo em que tenta compreender as coisas e, por conseqüência, há uma dimensão por vezes diversificada nas estruturas mentais, isto é, que com o tempo as coisas podem se modificar. Portanto, é preciso levar em conta, não somente o que é, como se diz, sincrônico, mas também o que é diacrônico, isto é, um eixo variável segundo as épocas.

Renata Beledoni: A palavra psicologia e suas variantes estão presentes em alguns de seus livros, como, por exemplo, o aspecto psicológico da tragédia, em *Mito e tragédia na Grécia antiga*, e o aspecto psicológico do trabalho em *Trabalho e escravidão na Grécia antiga*. O senhor escreveu que é uma contribuição dos estudos de Ignace Meyerson.

Jean-Pierre Vernant: Sim, porque foi ele quem colocou em dúvida a hipótese geralmente admitida pelos psicólogos de que há uma alma, um espírito, uma maneira de pensar que define o homem, e que é sempre a mesma. Ele admite, ao contrário, que há uma história do pensamento, uma história de diferentes funções psicológicas. Realizou estudos que se voltam, essencialmente, para a pessoa evocada, um estudo sobre a vontade; e eu, entretanto, quis aplicar isso ao mundo grego por uma série de razões que exponho. Me parece que, no caso da Grécia, entre o que chamamos época arcaica e a época clássica, percebemos, por vezes, inovações sobre o plano social e político: a aparição da cidade. E a aparição da cidade implica também modificações no funcionamento mental e nas atitudes psicológicas, quer se trate da memória, da forma de racionalidade ou da consciência que o sujeito pode tomar dele mesmo.

Renata Beledoni: E a contribuição de Louis Gernet?

Jean-Pierre Vernant: Louis Gernet é meu mestre. Louis Gernet foi um hele-nista excelente e um sociólogo reconhecido. É com esta dupla competência que refletiu sobre a civilização antiga. Nisso que chamamos milagre grego, ele não reconhece nem a revelação súbita da razão nem uma espécie de acaso incompreensível. Ele une os fatos de evolução social e mental ao caráter particular da cultura grega. E eu também, quando estudo a tragédia grega, o faço com a ambição de compreender, psicologicamente, a que ela responde, isto é, de constatar não somente que há um espetáculo, mas me pergunto como esse espetáculo foi recebido pelos espectadores e produzido pelos autores. O que me interessa é o homem interior e, ao mesmo tempo, como Louis Gernet, procuro as condições históricas e sociais que permitem situar estes fenômenos na História humana.

Renata Beledoni: O senhor escreveu que “a razão é filha da cidade”.

Jean-Pierre Vernant: Sim. Escute, eu escrevi um livro para tentar mostrar isto que se chama *As origens do pensamento grego*. Hoje, eu apresentaria as coisas, sem dúvida, de outra forma. Primeiramente, eu diria que não há “uma” razão grega, há vários tipos de racionalidade que, apesar de suas diferenças, todas têm pontos comuns. E é nesse sentido que elas são contemporâneas do grande fato político, a saber, a instauração do debate, da discussão argumentada, da refutação no centro da vida social. Mas esses tipos de racionalidade não são os mesmos entre os filósofos pré-socráticos italianos, não são os mesmos no VI século, entre os médicos, os matemáticos e entre os filósofos. Dados os problemas que as pessoas se colocam, elas constroem modalidades de raciocínio, de experiências, que não são exatamente as mesmas. Pluralidade de tipos de racionalidade, que não são nossas razões contemporâneas, as razões científicas de hoje.

Renata Beledoni: Mas o mito, eu não posso dizer que sua origem está, simplesmente, na imaginação humana. Qual é a opinião do senhor sobre a origem dos mitos?

Jean-Pierre Vernant: A origem dos mitos. As pessoas falam, contam histórias. O mito era, para os gregos, uma maneira, entre outras, de compreender como o mundo foi feito; e, contando histórias para os outros, justificavam o prestígio de certos personagens de suas famílias, de coisas muito diversas. Não há o mito, há relatos, há narrações, é como eles falam. Os homens narram, eles narram coisas; quando não há escrita, narram oralmente, eles as transmitem por tradição oral, e é isso que chamamos de mito.

Renata Beledoni: No Brasil, nos cursos de literatura, há uma teoria: o amor é o principal tema, o principal motivo que leva os heróis a começar o ato trágico. O senhor concorda?

Jean-Pierre Vernant: Não, não estou de acordo. Porque é que eu teria um tema na tragédia que seria determinante para o herói trágico? Há vários, há o amor, a ambição, a inveja, o desejo de glória, há toda uma série de coisas. É o amor que compele Agamemnon a sacrificar sua filha, por exemplo? Não é o amor, são coisas diversas, por vezes o sentimento de responsabilidade de chefe de guerra ou o desejo de ser um grande chefe de guerra. Ele hesita; se fosse amor, seria o amor paternal; mas não é nada, nem mais o amor de sua mulher. Mesmo em Cliteminestra, há somente o amor por Egisto? Há o amor por sua filha, mas há também mil outras coisas. Há o seu ódio por Agamemnon, há a sua vontade de ser homem. Por que reduzir a psicologia do herói trágico a um só sentimento? Se há um só sentimento, não há tragédia. Os heróis são eles mesmos separados e divididos porque os sentimentos que os animam são muito diversos. Esse não é o principal tema; não, não creio. Não se esclarece a tragédia dizendo que o amor é o principal tema. É preciso, primeiramente, perguntar-se o que é o amor para os gregos, sobretudo para que servem as múltiplas formas de amor. Eles se interrogam sobre essas questões e antes de lhes emprestar nossos próprios sentimentos, nos fazem escutar o que disseram.

Palavras finais da autora sobre a entrevista:

Como observado, a interdisciplinaridade é uma característica de Vernant. Por meio dela, em suas 27 obras, resultado de mais de cinquenta anos de pesquisa, buscou compreender a história interior do homem grego. Esta característica metodológica é resultado, principalmente, dos diálogos que estabeleceu com seus mestres Louis Gernet, Ignace Meyerson e Georges Dumézil. Jean-Pierre Vernant, sem dúvida, nos colocou quase que frente a frente com os deuses, heróis e mortais, todos personagens de uma história que muito tem ainda a nos oferecer como lição.

De modo muito especial, não poderia deixar de agradecer a Jean-Pierre Vernant por ter me recebido em seu gabinete com simpatia, consideração e benevolência, para responder às minhas questões.